

## ***A INFEÇÃO DA ALMA: Um breve estudo sobre a imoralidade e seu combate no jornal O Diário Católico (1937 a 1945)<sup>1</sup>***

Rodrigo Coppe Caldeira<sup>2</sup>

Albert Drummond<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i25.31064>

**Resumo:** Este artigo trata do discurso moralizador da Igreja Católica de Belo Horizonte sobre o carnaval através das páginas do jornal católico *O Diário*. Entre o período de 1935 a 1945, nos acordos do Estado Novo a Igreja passou por significativas transformações, entre elas, o desenvolvimento do que foi chamado de “projeto de restauração”. Nesse contexto político a instituição religiosa se vê ameaçada pelo avanço da modernidade, no qual o jornal se torna uma importante arma em seu combate. A igreja é levada a se posicionar de forma a confrontar os valores modernos, que em sua perspectiva corrompiam e adoeciam uma doutrina moral já instituída, trazendo todos os tipos de vícios e pecados. Dentro da premissa teórica historiográfica da análise do discurso, este artigo, portanto, visa compreender o processo de desenvolvimento do *O Diário*, assim como seu discurso e sua utilização como instrumento mediador entre Igreja e sociedade.

**Palavras-chave:** Moralidade; Estado Novo; Imprensa; O Diário.

### **THE SOUL'S INFECTION: A brief study of immorality and its fight in the newspaper O Diário Católico (1937-1945)**

**Abstract:** This article deals with the moralizing discourse of the Catholic Church of Belo Horizonte on the Carnival through the catholic newspaper pages of the *O Diário*. The period between 1935 and 1945, during the Estado Novo, the Church has undergone significant changes, among them, its restoration project. In this political context the religious institution is threatened by the advances of modernity, in which the journal becomes an important weapon in its fight. The

<sup>1</sup> Este artigo faz referência à dissertação de mestrado: **Infecção da Alma: um estudo sobre a imoralidade no período do Estado Novo**.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica. Publicou a obra “Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II” (editora CRV). Líderes do grupo de pesquisa do CNPq “Religião, Tradição, Modernidade”. Faz parte da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo. Email: [rodrigocoppe@gmail.com](mailto:rodrigocoppe@gmail.com)

<sup>3</sup> Historiador da Religião é licenciado e bacharel em História e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É pesquisador historiador na área de Patrimônio Cultural Imaterial e atua principalmente no campo da História do Imaginário e das Mentalidades. É autor de *A Infecção da Alma* (dissertação de mestrado), publicada em 2014. Em 2015 publicou pela Amazon uma sátira de nome *A Rotina da Alma*. Faz parte da Rede de Pesquisa História Cultural e Ética no Mundo Contemporâneo. Email: [a\\_drummond@hotmail.com](mailto:a_drummond@hotmail.com)

moral question becomes one of the main focus, leading the Church to position itself in order to confront the modern values which corrupted and sickened a moral doctrine already established, bringing all kinds of vices and sins. Within the historiographical theoretical premise of discourse analysis, this article, therefore, aims to understand the development process of the *O Diário*, as well as its speech and its use as a mediating instrument between the Church and society.

**Key-words:** Morality; Estado Novo; Press; *O Diário Católico*.

### **LA INFECCIÓN DEL ALMA: un breve estudio sobre la inmoralidad y el su combate en el periódico *O Diário católico* (1937 e 1945)**

**Resumen:** En este artículo se aborda el discurso moralizante de la Iglesia Católica de Belo Horizonte en el carnaval a través de las páginas de los periódicos católicos del *Diário*. Entre el período 1935-1945, la Iglesia Nueva acorde Estado ha sufrido cambios significativos, incluyendo el desarrollo de lo que se llamó "proyecto de restauración". En este contexto político de la institución religiosa se ve amenazada por el avance de la modernidad, en la que el papel se convierte en un arma importante en su batalla. La iglesia es llevado a posicionarse con el fin de hacer frente a los valores modernos, que en su opinión dañados y enfermó a una doctrina moral ya establecida, con lo que todo tipo de vicios y pecados. Dentro de la premisa teórica del análisis del discurso historiográfico, por lo tanto, este artículo tiene como objetivo comprender el proceso de desarrollo del *Diário*, así como su discurso y su uso como un instrumento de mediación entre la Iglesia y la sociedad.

**Palabras clave:** moral; Estado Novo; Prensa; *O Diário*.

*Recebido em 23/02/2016 - Aprovado em 09/04/2016*

## **Introdução**

Porque certos valores morais são definidos como virtudes dentro de uma sociedade? Quem define e classifica as condutas? A moralidade se legitima através da religião ou da política? Talvez através das duas? O conceito de imoral parte de onde? O ser humano é naturalmente mau, como diz Hobbes (1988) ou naturalmente bom, como entendia Rousseau (1965)?

Entender a questão moral é antes de tudo compreender parte de quem somos num meio social, porque moralidade e imoralidade dizem respeito, no fim das contas, aos comportamentos cotidianos. Cabe saber, no entanto, se nossos comportamentos são guiados, definidos e estipulados por forças institucionais, se tendemos a agir de forma natural e livre, ou se são uma mistura contraditória entre forças pessoais e impessoais.

Hobbes (1988) diria que somos naturalmente maus e por isso é necessária uma força maior para que consigamos viver em harmonia uns com os outros. O homem vive em um estado de natureza, onde cada pessoa possui liberdades naturais ilimitadas, incluindo o "direito de todas as coisas", incluindo a liberdade de prejudicar qualquer um que ameace sua "autopreservação" e (ou) sobrevivência no meio social. Levando isto em consideração, o homem viveria num eterno conflito de todos contra todos. Nascemos maus e a ética nos faz controlar nossos males naturais, ou como diria Aristóteles (2001), nossos vícios.

Já Rousseau (1965) diria que somos naturalmente bons, porém a sociedade nos corrompe. Em seu estado de natureza, o homem não obedece à lei convencional porque não a possui, mas age de acordo com seus instintos. Toda a maldade existente no homem é fruto da própria evolução social e humana. Se para Hobbes o homem precisa de algo que controle sua natureza má, para Rousseau, esse controle (social) seria responsável por deixar o homem mau.

Um terceiro ponto de vista é de Aristóteles, que elaborou e classificou as virtudes “dos homens”. No qual nossas disposições morais nasceriam de atividades semelhantes às virtudes e às paixões <sup>4</sup>. Segundo Aristóteles (2001), as paixões tendem ao excesso ou à deficiência; já a virtude, à moderação, que está entre dois extremos, entre dois termos opostos. E ambos no mesmo gênero. As paixões seriam algo naturalmente humano e os vícios e virtudes seriam definições advindas da moralidade, que depende de cada sociedade. Logo, o homem só poderia ser considerado bom (virtuoso) ou ruim (nocivo) com base nas condutas e nos valores morais aceitos e condenados dentro de uma sociedade específica.

Levando em conta essas considerações preliminares, pode-se dizer que a moral é uma importante questão para quem visa compreender uma sociedade em particular, já que a moral define *quem* é o homem *bom* e quem é o homem *mau*, e *para quem* o homem é *bom* e para quem ele é *mau*.

A moralidade pode ser identificada por dois principais pólos: o primeiro se dá através das leis, criadas para resguardar a sociedade e manter a paz entre seus membros, e o segundo através da religião, que definirá condutas aceitáveis ou desprezíveis para o meio em que está inserida.

O objeto de estudo deste artigo é o jornal *O Diário Católico* e seu discurso moralizador sobre o carnaval, levando em conta a perspectiva de que o catolicismo construiu grande acervo reflexivo em torno da questão moral durante sua história. A Igreja, que foi responsável por definir e classificar as condutas morais a serem seguidas nas sociedades ocidentais, também desempenhou esse papel no Brasil, que se tornou um exemplo da construção de uma mentalidade nacionalista cristã a partir do século XIX.

A leitura do jornal como fonte de análise da influência moralizante da Igreja na sociedade afirma a pertinência da escolha metodológica, em conformidade com a compreensão da História Cultural a partir da perspectiva de Chartier (1990), que prioriza a interpretação do discurso usado como fonte e testemunho de uma realidade, onde se estabelecem relações entre o contexto de enunciação e as formas de apropriação. Uma história cultural assim concebida não está ligada à lógica de determinações de uma instância da realidade sobre as outras, mas percebida de forma relacional.

Para Chartier (1990, p. 66), o mais grave na aceção habitual da palavra “cultura” não é, o fato de ela geralmente respeitar apenas as produções intelectuais ou artísticas de uma elite, mas de levar a supor que o ‘cultural’ só é investido num campo particular de práticas de produções. Chartier (1990) concebe uma metodologia da história

<sup>4</sup> Por paixões entendem-se os excessos.

que supre as formas de se trabalhar com o discurso impresso, como leitura das práticas culturais.

A existência do *O Diário Católico* abarca um extenso período da história do século XX: de 1935 a 1971. Por esse motivo, é considerado uma excelente fonte para se trabalhar as ideias religiosas e seu lugar na história cultural e contemporânea do Brasil. O carnaval, como uma dessas manifestações culturais, pode ser observado através dos discursos do *Diário* que condenavam a festa, vendo nela somente um motivo para a exaltação dos instintos humanos. A simbologia da “festa da carne”, assim como a banalização de uma moralidade já instituída pela Igreja, fez com que o carnaval se tornasse alvo constante das críticas da instituição católica. Dentro dessa perspectiva o presente artigo constata – compreendendo o jornal como interlocutor entre Igreja e sociedade – alguns elementos plasmados no ambiente católico e como eles estimularam a construção dos discursos de cunho moralizante publicados nas páginas do *O Diário*, refletindo as preocupações da Igreja sobre o futuro da compreensão de seus preceitos morais e do comprometimento das sociedades com eles.

### **1. A voz da Igreja: A imprensa católica como instrumento moralizador**

Os anos que antecederam o Estado Novo (1937-1945) foram de profundo ardor e disputa política (PANDOLFI, 2003). Temas como comunismo, maçonaria e liberalismo transfiguravam em caos as relações entre a política e a religião no Brasil. A instituição católica, em suas diversas instâncias, mantém uma relação ambígua com o Estado: ora dialoga e negocia, ora ataca e condena, mas, essencialmente, se vê diretamente ligada ao dever de reorientar os fiéis na direção de uma reinterpretação dos valores religiosos, orientando e reeducando religiosamente a nova sociedade, movimento que se estenderia desde a década de 1920 até por pelo menos mais meio século.

Com o golpe de 1937, um dos resultados imediatos foi a queda de muitos políticos, o fim da autonomia dos estados (simbolizado pela queima das bandeiras estaduais), a dissolução dos partidos políticos e a perseguição a opositores do governo de Getúlio Vargas. Os oficiais superiores do Exército justificavam a reviravolta baseados na premissa de que o modelo de livre competição havia entrado em falência, e ainda, tornava-se perigoso para a Segurança Nacional.

O golpe só foi possível porque a classe média, grupo pequeno, (mas que manteria o equilíbrio em qualquer sistema de eleições livres), limitada aos alfabetizados (SKIDMORE, 2003), se encontrava confusa e dividida. O golpe de 1937 teria sido um golpe de elites político-militares contra elites político-econômicas.

Em suma, o Estado Novo era um Estado nacional-desenvolvimentista, que através dos movimentos populistas buscavam validar seu governo. O Estado Novo definiu-se principalmente pelas mudanças irreversíveis às instituições da vida política e da administração pública. O presidente alterou as relações entre o poder federal e o estadual aproximando muito mais o Brasil de um governo verdadeiramente nacional. (SKIDMORE, 2003).

Contudo, o que fundamentou a ideologia do Estado Novo foi a ideia de nação unida política e culturalmente ao povo <sup>5</sup>, numa associação intangível que, por si só, não tinha significado algum. Na verdade, esse foi um momento em que, utilizando um poder ditatorial como base, procurou-se suprir os diversos cenários e realizar um plano nacional desenvolvimentista.

Uma forma de identificar nação e povo com a figura de Vargas foi o afastamento da intermediação dos partidos, do combate ao comunismo e das relações diretas com a cultura brasileira, que incluía a atuação da Igreja católica. O Estado Novo, portanto, criou a ideia de que, indubitavelmente, o povo governaria a si, de que Getúlio os ampararia, fortalecendo a economia, dando suporte à industrialização e reafirmando a identidade cultural <sup>6</sup> através do nacionalismo e da religião.

O início do século XX redefiniu o papel do Estado no Brasil, consolidando um ideário de uma República forte, representativa e nacionalista. Para manter o ritmo dos anos 1930, o Estado decorrente dos movimentos políticos que representavam o Governo Vargas criou uma série de meios de propaganda da qual o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi o principal instrumento.<sup>7</sup>

O Estado tratou de cuidar de sua relação pública com a sociedade apostando em propagandas políticas embebidas pelos ideais varguistas. O DIP desenvolveu um contínuo embate entre politização, coerção e controle dos meios de comunicação, sendo seu objetivo cuidar para que estes meios de comunicação não expusessem de forma negativa a imagem do governo. Nesse cenário, a Igreja, movida por seu projeto restaurador, se vê num grande embate: impugnar-se contra os avanços da modernidade, conseqüentemente aos meios de comunicação ou utilizar destes avanços para benefício próprio.

O conceito de "restaurar" ou "restauração" passa a ser utilizado pelos bispos brasileiros como eco do lema do Papa Pio XI, que dizia: "Restaurar todas as coisas em Cristo". Em outras palavras, "a restauração da fé católica no mundo". Para um melhor entendimento da concepção da palavra "restauração", Azzi (1994) questiona sua analogia, e nos conduz a uma reflexão sobre o conceito, que tanto pode significar uma "nova" concepção de algo que precisa ser renovado ou somente uma reconstrução. Para a Igreja, "restaurar" não está associado a introduzir novas perspectivas, reorientando a vida católica, mas trata-se de reconduzir a instituição eclesiástica a um modelo antigo,

<sup>5</sup> A preocupação do Estado era na formação de uma ideologia que sustentasse a associação do país com o governo através da imagem de Getúlio. Anterior e durante o Estado Novo a Igreja também utilizaria de mesmo ideário, tentando associar a identidade brasileira às práticas do catolicismo. Portanto a Igreja obteria mais êxito em sua associação e Getúlio Vargas de certo utilizaria da Igreja para fixar de vez sua imagem no país. Um Brasil católico e Getulista. Essa questão será trabalhada a partir de 1.2 deste capítulo.

<sup>6</sup> Dentro dos aspectos culturais inclui a relação da sociedade com os demais aspectos como a religião, as artes, o conhecimento, a moral, as leis etc.

<sup>7</sup> Cf Faro, José Salvador. "A comunicação populista no Brasil: o DIP e a SECOM." *Populismo e comunicação*. São Paulo: Cortez (1981): 85-94; Paulo, Heloisa. *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/SNI e o DIP*. Coimbra: Livraria Minerva, 1994.

restaurando o ideário da Igreja como poder espiritual, que, no exercício de sua missão com o Estado, colabora para a manutenção da ordem social.

Em 1916 Dom Sebastião Leme <sup>8</sup> foi designado para o arcebispado de Olinda, publicando no mesmo ano uma carta pastoral direcionada aos fiéis da cidade. Um dos pontos principais da mensagem da carta de Dom Leme era a defesa da Igreja como representante da Nação. Dom Leme acreditava que ser brasileiro estava diretamente relacionado a uma identidade católica.

De forma analítica, Dom Leme clama pela comunidade católica brasileira e sistematiza a necessidade urgente de um movimento militante em prol da restauração da cristandade no Brasil;

Somos a maioria absoluta da nação. Direitos inconcussos nos assistem com relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados, é dever inalienável. E nós não o temos cumprido. Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade. Leigos são as nossas escolas; leigo, o ensino. Na força armada da República, não se cuida da Religião. Enfim, na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública. (DOM LEME *apud* DEUS LO VULT. 2009).

A carta pastoral de Dom Leme pedia a união e a ação eficaz dos católicos frente ao Estado e à sociedade. Interessa saber que, antes da revolução de 1930, o pensamento católico já estava em desenvolvimento. Era necessário somente de algo que pudesse fortalecer e solidificar parte da militância, o que acontece com a chegada de Getúlio no poder.

A Igreja Católica no Brasil teve importante impulso nas primeiras décadas do século XX, podendo desenvolver em sua estrutura de base uma releitura consistente de sua doutrina, através dos movimentos leigos e de sua engajada caminhada para uma presença mais significativa na esfera pública. A Ação Católica <sup>9</sup>, de fato, valorizou a figura do leigo na Igreja, criando uma importante consciência do papel a ser exercido por ele, o que acabou por contribuir (mesmo que de forma tímida) para o fortalecimento e a criação de novos tipos de comunicação entre Igreja e sociedade.

<sup>8</sup> Dom Sebastião Leme foi arcebispo de Olinda e Recife e arcebispo do Rio de Janeiro. Foi o segundo cardeal brasileiro e o mais influente do Brasil até meados do século XX (LIMA, 1943).

<sup>9</sup> Em 1931 o Papa Pio XI definiu a Ação Católica como um movimento de colaboração dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja. A AC não é política, mas um movimento social de restauração da fé (IGREJA CATÓLICA, 1988), em que os leigos tinham papel essencial.

Com a ascensão dos meios de comunicação, como o rádio, o cinema e a imprensa, a instituição eclesial se vê frente a um dilema: condenar o mau uso destes meios propulsores de informações ou integrá-los à sua realidade, uma vez que eles auxiliariam e interviriam (alcançando um maior número de pessoas) a seu favor. Será nesta conjuntura que se consolidará a imprensa católica, utilizando de seus periódicos como ferramenta essencial para maior divulgação de sua doutrina.

A imprensa escrita inicialmente foi o principal meio usado nessa comunicação, porém o cinema e o rádio também contribuíram para a disseminação dos preceitos católicos. Todos esses meios foram intensamente utilizados pela Igreja a partir do fim da década de 1930, sob o regime do DIP. Desse modo, pode-se dizer que tanto a Igreja quanto o Estado utilizaram destes recursos de comunicação para firmarem suas perspectivas políticas e religiosas, com o intuito de que suas vozes alcançassem o maior número de pessoas. Enquanto o Estado se preocupava com o apoio da população ao Governo, a Igreja voltava-se ao problema da “ignorância religiosa”<sup>10</sup>.

O papel da imprensa era crescente no início do século XX no Brasil. A imprensa em geral, e especificamente o periodismo, possuíam a incumbência de formar opiniões, exercendo grande influência em todas as formas de organização e da vida social do país.

Pode-se dizer que no Brasil do século XX existiram quatro tipos de imprensa: a imprensa política, cujo objetivo era informar, fixando ideias, defendendo ideologias governamentais; a imprensa de oposição, perseguida e marginalizada no período ditatorial, já que seu principal objetivo era escrever sobre os abusos e as ideias contrárias ao governo; a imprensa confessional, que além de informativa visava a formação de opinião de seus leitores, baseada nas respectivas doutrinas religiosas e, por fim, a imprensa chamada “livre”, do fim do século XX, que supostamente contava com a ausência da interferência estatal e confessional. (DRUMMOND, 2014).

Segundo Lustosa (1983), a imprensa, sobretudo os periódicos, acabou por se tornar (além do rádio e do cinema) uma ponte interlocutora direta com a sociedade, utilizada “bem ou mal pela hierarquia e pelos católicos, para defender a fé e os costumes, para reivindicar direitos, lutar contra os adversários e em poucas palavras, para informar e formar.” (LUSTOSA, 1983, p. 8).

Com a ideia do movimento restaurador, a postura de receio e impotência foi substituída pela posição de afirmação da Igreja no mundo moderno. A influência política começa a ser compreendida como um instrumento oportuno de mobilização social e transmissão da fé. Azzi (1994, p. 28-39) contextualiza a situação da Igreja nesse período, quando pontua que um projeto de reconstrução do papel dirigente da Igreja envolvia, além do Clero, diversos Institutos religiosos e um grande número de leigos, que passam a desempenhar papel de destaque. As principais metas desse movimento, além da

<sup>10</sup> Termo bastante utilizado por Dom Leme que ao tratar da “ignorância religiosa” aborda a realidade do Brasil. Em Carta Pastoral escrita aos seus diocesanos (DOM LEME, 1916, p. 44-45), quando foi nomeado Arcebispo de Olinda ele justifica o termo, uma vez que o clero era insuficiente. As populações rurais estavam praticamente abandonadas. Eram poucos os movimentos de associações religiosas. Por esse motivo, D. Leme apresenta a ignorância religiosa como a raiz dos grandes males sociais.

reafirmação da presença da Igreja na sociedade, eram a luta pela superação do laicismo, a contenção do protestantismo, do espiritismo, da maçonaria, o fortalecimento do ensino da doutrina católica, a manutenção da ordem em oposição às tendências de mudança social e o combate ao carnaval, já que a festa era signo dos valores considerados imorais.

A Igreja almejava alcançar esses objetivos a partir da formação de elites católicas capazes de se fazerem presentes e de colaborar com a criação de um Estado brasileiro organizado pelos valores católicos. Duas linhas de atuação seriam trabalhadas: a primeira era educar as crianças através do ensino religioso nas escolas, e a segunda era trabalhar um nacionalismo católico com os pais dessas crianças através de veículos capazes de expandir suas mensagens além dos muros dos templos.

Assim nasce a chamada imprensa católica, que passou a conviver cotidianamente com derrotas e vitórias, numa tentativa contínua de alcançar prosperidade e solidez. Diante do poder econômico das forças “laicas” já estabelecidas, a sua ínfima posição ficava exposta, mas isso servia de estímulo para elevar e acelerar seu propósito, que era influenciar decididamente a opinião pública e deter parte do espaço da imprensa em expansão no País.

A imprensa confessional possui uma ideia clara de seus objetivos, mas antes de iniciarem de forma sólida sua jornada, havia de se perguntar o verdadeiro sentido do jornal católico: deveria ser um instrumento para catequização, uma arma contra os inimigos (outras religiões, comunismo, oposição) ou um periódico que visava tão somente a manutenção do catolicismo brasileiro? Tentando equacionar estas questões e sanar suas deficiências, a Igreja propõe uma série de encontros cuja finalidade era reavaliar as possíveis lacunas em suas estratégias de recristianização do Brasil. Em 1915, algumas dessas estratégias, normas e orientações para o clero e para os fiéis católicos são fomentadas na Pastoral Coletiva (PC), que se constituiu como um código para a atuação católica em todo o país. Seu conteúdo abrangia os principais assuntos referentes ao período, divididos em títulos, dos quais o primeiro tratava-se “da fé a ser professada, defendida, conservada e ensinada” (LIMA, 2004, p. 157).

O caráter da Pastoral Coletiva (PC) inicialmente era preventivo, porém com o crescimento da imprensa no país e a necessidade de fazer parte, efetivamente, desse amplo desenvolvimento, as diretrizes do episcopado se modificaram para, além de prevenir desvios, envolver-se mais nas questões contemporâneas. Criou-se, então, a *Associação da Boa Imprensa* (ABI)<sup>11</sup>, que visava principalmente auxiliar os jornais e revistas dispostos a aceitar o seu programa de prevenção, difundir a “boa” imprensa e a “sã” literatura, favorecendo a fundação e manutenção de “bons” jornais e revistas, e fornecendo, inclusive, artigos dos melhores escritores católicos sobre todos os assuntos. (LUSTOSA, 1983).

<sup>11</sup> Mais dois eixos foram criados junto a ABI, o Centro e a Liga da Boa Imprensa (LBI). O Centro seria a direção, o cérebro, de onde saíam os principais projetos a serem desenvolvidos, já a LBI teria como objetivo ser auxiliar do Centro, ajudando como suporte administrativo e financeiro.

O Centro Dom Vital<sup>12</sup> passou a inserir as necessidades da imprensa católica em seu quadro de prioridades. Sob a liderança de Dom Leme e com a ajuda de Jackson de Figueiredo<sup>13</sup> e outros leigos, alguns periódicos (em forma de jornais) foram lançados, com o fim de oferecer uma leitura ortodoxa aos católicos. Esses jornais, porém, não conseguiam rivalizar com os jornais leigos, solidamente implantados.

O objetivo não estava sendo alcançado. Assim, pensou-se em nova estratégia: expandir o conteúdo das publicações para todos os âmbitos da sociedade, seguindo uma normalização baseada nos jornais leigos. Cadernos de esporte, notícias políticas e diárias, página dedicada à vida feminina e às crianças, classificados, críticas de livros, filmes e pessoas, moda e cultura se tornaram o foco do que seria o jornal católico ideal, tendo o cuidado, porém, de que a visão católica prevalecesse em todos esses cadernos e temas.

A preocupação da Igreja era, de fato, com a preservação de sua doutrina moral. No entanto, a popularização dos meios de comunicação de massa como o rádio, o cinema e a imprensa escrita rompem os limites dos espaços públicos e privados, oferecendo novos contornos às mentalidades, e como órgão militante, a imprensa confessional da Igreja adaptou-se a esse novo panorama, firmando-se nos seus três principais objetivos: construir, desenvolver e fixar sua mensagem nas realidades do mundo contemporâneo. Estreitando as relações com seus leitores que acabam por se constituírem como segmentos da instituição Igreja, essa imprensa eleva sua voz e suas ideias.

A década de 1930 foi um divisor de águas para as relações entre a Igreja e a imprensa. A partir daquele momento, os periódicos católicos se tornariam instrumento propulsor do catolicismo militante no país.

## 2. Uma sociedade que precisa ser catequizada – estratégias da imprensa católica belo-horizontina.

Dom Antônio dos Santos Cabral<sup>14</sup>, arcebispo de Belo Horizonte, se tornou referência quando decidiu requalificar o formato do jornal *O Horizonte*<sup>15</sup> e conceber o *O*

<sup>12</sup> O Centro Dom Vital, fundado em 1922, era uma instituição que congregava a intelectualidade católica responsável pela disseminação e radicação dos ideários restauradores da Igreja. Um de seus principais objetivos era a realização de estudos e discussões sobre a doutrina religiosa católica no Brasil.

<sup>13</sup> Jackson de Figueiredo (1891–1928) converteu-se ao catolicismo em 1917, sob influência de Faria Brito. Seu encontro com D. Leme no Rio de Janeiro, em 1921, significou sua conversão definitiva e o início de seu trabalho de irradiação apostólica. (SALÉM, 1982). Cf IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

<sup>14</sup> Dom Antônio dos Santos Cabral foi um dos maiores articuladores do desenvolvimento da imprensa católica no Brasil, tornando Minas Gerais o ponto de encontro de suas ideias e projetos.

<sup>15</sup> Em 1924 *O Horizonte* foi divulgado. Ele seria a primeira tentativa da Imprensa católica de executar um periódico consistente que pudesse abarcar toda a sociedade. Mesmo com sua função prestada à causa católica, o jornal não conseguia atender às expectativas de Dom Cabral, que queria um jornal que tivesse uma atuação mais eficiente e ampla na defesa dos interesses da família, da sociedade e da moral social. Segundo João Frazen de Lima citado por Matos (1996), Dom Cabral insistia que um jornal moderno era “o pão de cada dia para o espírito do povo e que a falta de uma orientação cristã como roteiro para a vida da imprensa, poderia ser de consequências funestas para a vida cristã da sociedade” (p. 126). Era por este ponto de vista que Dom Cabral se

*Diário Católico*. Havia muito trabalho pela frente: de um lado, a Ação Católica erguia como uma força jovem e dinâmica, de outro a Igreja adotava os meios de comunicação advindos dos avanços tecnológicos modernos. Era papel da Igreja interferir efetivamente, fazendo com que as mídias trabalhassem a seu favor.

O *Diário*, como ficou conhecido, foi um dos instrumentos encontrados pela Igreja local para se fazer mais presente, expandindo sua função para além do objetivo doutrinador, oferecendo uma gama de matérias para diversos setores sociais. Como periódico católico, *O Diário* possuía grande parte de seu conteúdo direcionado para seu público específico. No entanto, antes de fiéis, eram homens com interesses de homens, mulheres com interesses de mulheres, jovens e crianças com seus respectivos interesses que eram o alvo do meio de comunicação. O jornal dispunha de variado conteúdo para todos, tornando-se palatável a um público variado.

Em termos gerais, *O Diário* foi um meio que a Igreja da capital mineira encontrou para melhor fixar suas raízes numa sociedade em constante mudança. O nascimento dessa publicação foi um sinal da estruturação visada pela Igreja, que solidificou uma corrente de pensamento que advinha da perspectiva de Dom Leme, possibilitando, através do cotidiano, o estreitamento da relação particular entre autor (imprensa católica) e leitor (sociedade brasileira).

Dom Leme, assim como Dom Cabral, deixava explícito seus ideais morais sobre a Igreja, e as relações entre Igreja e sociedade moderna. O que é interessante notar é que se por um lado, ou por um curto espaço de tempo, a instituição religiosa se utilizava do caráter moderno das novas mídias, da ciência e do discurso higienizador em prol da causa cristã, por outro ela tentava se utilizar dos mesmos instrumentos para combater os valores modernos. Existia uma vontade de integrar-se a essa sociedade moderna, porém a Igreja em suas inúmeras facetas tinha consciência de que não teria êxito se mantivesse uma negação obstinada a tudo que havia surgido no mundo moderno.

Com a presença cada vez mais disseminada dos valores modernos, a instituição eclesiástica viu-se cercada de inimigos perigosos e que comprometiam diretamente o projeto restaurador da Igreja no Brasil. A perda do controle sobre os costumes familiares e sociais, em decorrência do progresso urbano e do processo modernizador como um todo – particularmente em Belo Horizonte, cidade planejada com ares de modernidade – compôs um dos aspectos mais percebidos pela instituição eclesiástica. Por isso o esforço do clero em direção a uma restauração católica e a utilização dos meios de comunicação como instrumento moralizante, para impedir que os fiéis se contaminassem com as novas concepções morais. Os detentores, ou como diziam no *O Diário*, “os hospedeiros”, das ideias subversivas eram tidos como imorais, imundos, diabólicos, corruptos, cínicos, indecorosos, foram lembrados com frequência. (HOSPEDEIROS... *O Diário*, 1935, p. 3)

---

preocupava com a fundação do *O Diário*, um jornal capaz de tratar de todos os assuntos, porém com a Igreja amparando e orientando os princípios cristãos. O arcebispo, então, se pôe a elaborar uma nova versão do Horizonte, que fosse diária e moderna, que mantivesse a defendesse o catolicismo em seu conteúdo, mas que apresentasse uma forma condizente com a nova imprensa dos anos 30.

O jornal deveria despertar nos fiéis um sentimento de proteção, resguardo e tradição. O *Diário* se tornou a voz da Igreja em meio aos perigos da modernidade e deveria ser como um escudo, uma defesa contra tudo que pudesse comprometer a ordem e o equilíbrio da tradicional sociedade mineira.

Os primeiros anos de vida do *O Diário* foram assinalados por erros e acertos, sondagens e tentativas em torno de seus ideais e formas de os fazer conhecidos. Afinal qualquer meio de comunicação precisa se adequar às causas e necessidades da sociedade em que opera, principalmente um diário com capacidade de extensa atuação geográfica, como é o caso de Belo Horizonte e Minas Gerais <sup>16</sup>. A partir de 1937, o *Diário* conseguiu acertar os passos, definindo melhor seu campo de atuação e suas abordagens, que basicamente eram políticas e morais, trabalhando sempre o ideário de um nacionalismo cristão e dos combates aos males sociais.

Através de suas publicações o jornal objetivava chegar aos lares católicos, principalmente, visando ser instrumento para se afastar o mal e sugestionando as condutas morais, mesmo que para isso tivesse que recorrer a um sentimento de medo nos fiéis, bem ao estilo tridentino.

Libanio (2005) defende que até o papado de Pio XII <sup>17</sup> a Igreja ainda trazia algumas referências do Concílio de Trento, especialmente aquela já consolidada “identidade tridentina”. O medo do pecado e do inferno foi o cerne de um imaginário construído pela Igreja naquele período, criando um forte imaginário religioso sobrenatural, deslocando a religião da necessidade para a da salvação eterna. Esse “imaginário tridentino” (LIBANIO, 1984) se solidificou de fato nos anos subsequentes, contudo a Igreja contemporânea mantinha sua “Identidade tridentina” vigente, sobretudo na imprensa católica que se chocava com a perda de referências morais levada a cabo pela modernidade. A afirmação do modelo tridentino tinha como consequência imediata a restrição e o controle do espaço anteriormente ocupado pela religião popular. Dentro dessa concepção tridentina, cabia exclusivamente ao clero a administração do patrimônio da fé católica (AZZI, 1994, p. 93).

A Igreja nas décadas de 1930 e 1940 continuou a utilizar o medo como instrumento mediador entre a fé católica e a sociedade, intervindo num contexto em que era importante unir e convocar fiéis para, engajados, lutarem pelos direitos de que a Igreja se achava detentora.

Na Belo Horizonte dos anos 1930, era meta essencial da Igreja utilizar o jornal *O Diário* como elo com a sociedade, na tentativa de doutrinar uma sociedade moralmente desviada; se preciso, utilizando o medo como instrumento de força e, baseando-se nisso, direcionar seus ensinamentos para reorganizar a sociedade, inserir o ensino religioso nas escolas e a desenvolver de forma ampla a catequese.

<sup>16</sup> A partir de 1935 o jornal começou sua circulação com publicações diárias, exceto às segundas feiras e nos dias posteriores a algum feriado. *O Diário* se tornou um dos jornais com maior tiragem e destaque em Minas Gerais.

<sup>17</sup> Para Libanio a “Identidade Tridentina” só foi desconstruída depois da Segunda Guerra Mundial pelo impacto da filosofia moderna, da psicologia, da sociologia, dos meios de comunicação e do fenômeno crescente de secularização. (LIBANIO, 2005, p. 175).

### 3. *Em defesa da família e dos bons costumes*

Um “nacionalismo católico” brasileiro foi sendo construído desde a virada do século XIX para o XX com o intuito de associar o cidadão católico ao cidadão brasileiro, e conduzi-lo à moral religiosa para que essa moral se desenvolvesse e se fortalecesse, em torno da necessidade de solidificar condutas e valores de uma sociedade que os perdia lentamente.

Portanto, se constrói um discurso de medo diretamente associado a um discurso de poder e (ou) autoridade, e esse discurso se torna instrumento essencial para a religião católica, quando é ela a responsável por lembrar ou (re)afirmar as condutas que devem ser seguidas.

Pode-se apontar alguns exemplos nas matérias publicadas no jornal. Em 14 de novembro de 1937, *O Diário* publicou uma matéria (p. 2-4) de três páginas inteiras sobre *A Nova Constituição do Brasil*. Um de seus trechos afirmava:

Esperamos uma vigilância mais atenta e uma censura mais cuidadosa sobre os livros, a imprensa, o cinema, o teatro, o carnaval... e outros tantos focos de infecção popular. [...] Não havia, ou se havia não se aplicavam as sanções capazes de garantir a utilidade prática das medidas da polícia moral.<sup>18</sup> (A NOVA..., *O Diário*, 1937, p. 2-4).

Em 1939, o artigo intitulado “*Velando pela Formação Moral do Brasil*”, afirmava a importância de se criar uma comissão “composta de pessoas de notório preparo pedagógico e reconhecido valor moral” (VELANDO..., *O Diário*, 1939, p. 4) para examinar todas as obras no Brasil, vindas de fora e as publicadas no país, classificando-as e definindo as que estariam de acordo com a doutrina católica.

A utilização da imprensa, especialmente do *O Diário*, foi o mais eficiente instrumento de divulgação dos ideários católicos e combate aos inimigos da fé cristã em meados do século XX em Minas Gerais, porque ele alcançou maior número de pessoas que os demais instrumentos e se fez presente diariamente, de forma tradicional, por trinta e sete anos seguidos. Com os valores morais cada vez mais desvinculados da doutrina católica, cabia ao jornal resistir e reafirmá-la.

*O Diário* acompanha o cenário social da década de 1930 e as diretrizes da Igreja católica no Brasil encarnadas nas posições de Dom Leme, interferindo nas relações sociais, com uma intenção deliberada de defender os valores, interesses e propostas da doutrina cristã.

---

<sup>18</sup> Grifo nosso. É interessante refletir sobre o fato de que a Igreja via o Estado e a ditadura como importantes aliados de seus ideários.

#### 4. Sistematizando os principais focos

*O Diário* selecionou quais seriam os principais inimigos da moral católica e os condenou ferrenhamente. Os principais focos diziam respeito aos pecados da juventude, aos vícios estimulados pela modernidade e por suas filosofias liberais e principalmente aos excessos muitas vezes validados pelo Estado. Segundo Azzi (2008, p. 164), a cidade, entendida de maneira geral, se tornou um espaço de pecado e miséria, no qual até meados do século XX a voz mais comum da Igreja foi protestar contra as mudanças de comportamento vindas de filosofias modernas e as festas que estimulavam condutas imorais, denunciando a cidade como um espaço extremamente propício à perversão moral.

Assim sendo, segundo o próprio *O Diário*, um dos principais focos a serem combatidos, por perverterem os valores morais cristãos, eram *o comunismo, o cinema e o carnaval*.<sup>19</sup> Dom Cabral, fundador do *O Diário*, parecia prever em 1933 como o jornal abordaria a questão moral e quais eram os principais motivadores e os caminhos seguidos pela sociedade, que ele considerava

descristianizada, paganizada, que esqueceu o catecismo, não acompanha, nem por leitura, as lutas da Igreja contra o século, e separou, na sua vida individual, os interesses do corpo que lhes são preciosos e irredutíveis, dos interesses da alma, que lhes são secundários e indiferentes. (CABRAL. 1985, p. 82).

A Igreja tentou de várias formas ressignificar e restaurar suas doutrinas de acordo com o momento histórico e, quando necessário, abriu-se inclusive para uma luta mais engajada junto à população, com a ajuda dos movimentos leigos (como a Ação Católica, importante movimento restaurador). O Estado Novo (1937–1945) e sua formação oferecem uma contextualização essencial sobre o papel da Igreja dentro da sociedade em transição no início do século XX. Getúlio Vargas abriu um leque de possibilidades para que a Igreja desenvolvesse com melhor eficiência seu projeto restaurador. Por exemplo, reinstituiu-se de forma facultativa (inicialmente) o ensino religioso nas escolas. Outro exemplo é a campanha ferrenha contra o comunismo e suas ideologias, que desacreditavam os ideários do governo e da Igreja. No entanto, se num dado instante a instituição eclesial católica possui objetivos comuns com o governo, se tornando forte aliada deste, noutras situações ela enxerga o governo como forte opositor a seus ideais, uma vez que quando o governo, tentando elevar o nível de seu ofício estatal, prioriza a modernização da nossa sociedade, ele acaba por rebaixar o papel

<sup>19</sup> Na dissertação “A Infecção da Alma: um estudo sobre a imoralidade no período do Estado Novo” (DRUMMOND, 2014), outros focos a serem combatidos, como o cinema e o comunismo são abordados. Para este artigo, nos ateremos somente aos discursos moralizadores sobre o carnaval. A escolha se deve ao grande número de documentos, negando, condenando e execrando a festa e os vícios despertados por ela.

social da Igreja, que ainda defendia o tradicionalismo nas relações sociais, decorrente de uma identidade tridentina ainda presente.

Em 1935, dois anos antes do golpe do Estado Novo, a Igreja já se articulava de forma a levar sua mensagem doutrinária a todas as camadas da sociedade, dos meios rurais às cidades, da elite às classes mais baixas. Um novo Estado estava a se constituir, e arrisco a dizer que uma nova Igreja (em processo) também. A expansão do pensamento eclesiástico não mais está focada nas questões conservadoras de sua doutrina, não mais discursa somente para o clero. Nesse contexto, a imprensa católica, visa a um alcance maior e procura expandir sua circulação e sua crítica para a forma diária, no caso de Belo Horizonte, explorando discursos contra as “novas” condutas morais assim como aos comportamentos sociais.

#### **4.1 O Carnaval<sup>20</sup>: o culto e a representação dos excessos**

Antes de chegarmos à visão do *O Diário* sobre o carnaval, é necessário entender o significado dessa festa, que, durante muito tempo apresentou – e até hoje apresenta – conflitos quanto ao seu significado e à sua etimologia. Segundo Sebe (1986), existem três tipos de definições mais comuns aceitas pelos estudiosos do Carnaval. A primeira diz que a etimologia da palavra viria do baixo latim *carne vale*, que significa “adeus à carne”, numa alusão à Terça-Feira Gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne. Outro significado seria *carnelevamen*, ou seja, “o prazer da carne”, referindo-se às paixões e os vícios do corpo, que, segundo São Tomás de Aquino (2001), seriam a gula e luxúria. Por fim, o terceiro significado seria a combinação de duas palavras, algo como *caminhão naval*, ou *caminhão de bebida* (do latim *Carrus navalis*), que faz referência à festa dionisíaca, onde um carro carregando um imenso tonel servia vinho ao povo na Roma antiga (p. 30-31). Levando em consideração esses significados pode-se deduzir que o carnaval, por mais que, inicialmente, na Idade Média, não tenha sido criado ou aceito no calendário cristão como a festa da carne, tenha se tornado uma festa em que se antecipa aos quarenta dias de penitência propostos pela Quaresma toda uma felicidade apaixonada.

São Tomás de Aquino já havia definido (2000) no Medievo os sete principais pecados contra Deus e, para a Igreja, no período do carnaval haveria toda a disposição da sociedade para cometer esses pecados/vícios.

No Brasil o carnaval chega no Rio de Janeiro como Entrudo<sup>21</sup> já no século XVII, tendo como referência os jogos carnavalescos de Portugal. Segundo Pimentel

---

<sup>20</sup> Segundo Sebe (1986), existem três tipos de definições mais comuns aceitas pelos estudiosos do Carnaval. A primeira diz que a etimologia da palavra viria do baixo latim *carne vale*, que significa “adeus à carne”, numa alusão à Terça-Feira Gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne. Outro significado seria *carnelevamen*, ou seja, “o prazer da carne”, referindo-se às paixões e os vícios do corpo, que, segundo Santo Tomás de Aquino (2001), seriam a gula e luxúria. Por fim, o terceiro significado seria a combinação de duas palavras, algo como *caminhão naval*, ou *caminhão de bebida* (do latim *Carrus navalis*), que faz referência à festa dionisíaca, onde um carro carregando um imenso tonel servia vinho ao povo na Roma antiga (p. 30-31).

(2002, p. 24), um mês antes do carnaval não haviam casas na cidade que não se preparassem para o “jogo do entrudo”. Os escravos esquentavam as ceras para fazer os recipientes, preenchido pelos filhos dos senhores com todos os tipos de líquidos. A brincadeira consistia em jogar nas pessoas que passavam nas ruas, um preparo com todo tipo de coisa, desde ovos, farinha à urina. O jogo era democrático e incluía todos os segmentos da sociedade, contando com os senhores e com os escravos.

Segundo Queiroz (1999), em 1840 já se percebe os primeiros sinais de transformação carnavalesca, quando os jornais locais anunciaram: “Um baile de máscaras como se usa na Europa” (p. 51). No dia seguinte ao baile, os jornais celebravam em suas crônicas a elegância e o refinamento da festa, dignos de uma sociedade “verdadeiramente civilizada!” (p. 51). O sucesso foi tamanho ao ponto de ressignificar os jogos de carnaval, efetivando os bailes de máscaras (inspirados nas festas européias) na cultura brasileira. Em 1856 nasciam as sociedades carnavalescas, também chamadas clubes, cuja finalidade era a organização de grandes carros alegóricos na noite de terça-feira gorda.

Cada grande proprietário, cada grande comerciante, cada banqueiro demonstrava à multidão seu poder econômico ostentando, no corso<sup>22</sup>, sua família ricamente fantasiada. Os prêmios oferecidos por grandes firmas comerciais, pelos jornais, pelos bancos, aos melhores préstitos das sociedades, às fantasias mais ricas e originais dos bailes, alimentavam a rivalidade, desencadeando muitas vezes disputas entre as sociedades e as famílias.

Outros grupos, portanto, levaram mais tempo para conquistar o direito de participação nos festejos do Momo, principalmente os habitantes pobres de bairros afastados do centro ou dos morros que pontilhavam as cidades. Assim a escola de samba, das quais a mais antiga foi fundada em 1928, somente alcançaram o direito de desfilar no centro em 1936.

Em Minas Gerais, a festa era comemorada nos grandes centros e o corso era sua principal atividade assim como clubes fechados para a elite. A partir de 1938 a festa ganha maior visibilidade em Belo Horizonte e um dos fatores era, curiosamente, a divulgação constante (aos dias que antecediam a festa) de artigos e matérias que condenavam a festança por sua conduta imoral. De uma forma equivocada os embates entre periódicos católicos e periódicos laicos acabaram por estimular ainda mais a curiosidade das pessoas que temiam o carnaval, mas também se sentiam atraídas por ele (MONTE, 2008).

A posição da Igreja quanto à realização da festa e sua comemoração nunca oscilaram e sempre se mantiveram firmes, já que ela via no carnaval uma desculpa para que vícios fossem vivenciados e desejos nefastos extravasados. A festa que exaltaria nossa condição humana como seres carnis e instintivos ia contra toda uma concepção cristã católica adotada durante quase toda sua história. Onde a compreensão dos pecados e sua absolvição pela atitude virtuosa elevariam a alma humana a sua redenção.

<sup>21</sup> Entrudo pode ser definido como uma série de jogos e brincadeiras populares, introduzidas no Brasil pelos portugueses no século XVI, que também foram associadas ao carnaval brasileiro. Pode ser considerado como a fase de gestação do carnaval popular de rua. (HERRS, 1988).

<sup>22</sup> O Corso era um passeio particular das famílias a princípio em carruagens e mais tarde em automóveis.

Para a Igreja o prazer não era condenável, mas os excessos desses prazeres, assim como os vícios capitais (avareza, gula, ira, inveja, luxúria, preguiça e vaidade), que deveriam ser combatidos a ferro e fogo. Em 1935, num artigo intitulado *A Igreja e os Prazeres*, *O Diário* deixa clara sua posição sobre os sete pecados capitais e suas consequências:

Os prazeres nunca foram condenados por Deus, que não fez o homem para o sofrimento, mas para ser feliz [...] assim, somente os que fogem destas, nos excessos desordenados ou maus, acham que a Igreja é contrária à expansão natural humana. [...] A Igreja nunca foi inimiga do prazer quando neste existe a pureza do sentimento e nada abriga nociva à saúde tanto física como moral do homem. (L.B. *O Diário*, 1935, p. 5).

*O Diário* abominava esses festejos e a grande maioria dos tratados sobre a moral encontrados no jornal fazia referência direta aos males de quem se entregava à festança. Em 1936, um leitor perguntou à equipe que compunha o jornal se faria mal participar do carnaval e *O Diário* então respondeu em nota intitulada *Uma Consulta*:

Ainda há quem pergunte se fará mal ir ao carnaval... Santa simplicidade! O esplendor da impureza, o desfreio das paixões mais baixas, os trejeitos bárbaros dos ébrios eróticos, as músicas excitantes, o despudor das mulheres, o cinismo dos homens depravados, tudo isso junto não fará mal? (UMA CONSULTA. *O Diário*, 1936, p. 5).

Em 1937, Tristão de Athayde escreveu um artigo para o jornal sobre a psicologia do carnaval fazendo referência sobre como os avanços da “modernidade” foram os maiores responsáveis por uma ressignificação de valores que a cada dia deixava a Igreja mais preocupada. Para ele “o espírito carnavalesco”, que outrora explodia nos treze dias clássicos, hoje se estende por semanas a fio, e, para muitos passa a ser a ‘moral nova’ que o ‘espírito moderno’ prega [...]” (1936, p. 5).

O maior problema enfrentado pelo *O Diário* sobre o carnaval era referente às outras mídias que divulgavam as festas e “estimulavam ao pecado”. Num artigo de 1936 intitulado *Moralização só de um lado*, o jornal criticava a postura da imprensa mineira, em específico o *Diário da Tarde* e sua conduta contraditória. Em publicação do dia anterior ao desse artigo, o *Diário da Tarde* fez um apelo à orientação dos clérigos mineiros sobre a questão da moral e da influência dos pensamentos liberais nos jovens:

lavemos o rosto e atiremos no lixo essa baba peçonhenta. A nossa sociedade cathólica e christã não pode, por mais tempo, admitir essa injúria vergonhosa aos bons costumes e ao espírito social, humanitário e religioso de mineiros que temos [...] e os sacerdotes, orientadores e guias espirituais do povo hão de por certo clamar pelo mal, aconselhando os fiéis [...] para combater sem trégua o inimigo numero 1 da sociedade christã. (MORALIZAÇÃO..., Diário da Tarde, 1936, p. 4).

O *Diário*, no entanto, respondeu ao apelo do *Diário da Tarde* com crítica: “Até aqui vae tudo muito bem. Mas logo em seguida ao apelo vehemente e comovido ao clero, vem em letras gordas ‘carnaval, festa do povo’, com noticiário abundante. Será crível que o *Diário da Tarde* não veja a incoherencia que há nisso?”. Mais à frente, no mesmo artigo, *O Diário* se mostra revoltado com a incoerência da imprensa belo-horizontina: “Festa em que todas as liberdades são permitidas não pode moralizar nem engrandecer civilização nenhuma. Injúria vergonhosa aos bons costumes e ao espírito religioso do nosso povo, injúria a nossa sociedade cathólica [...]”.

Em 1937, *O Diário* continuou a lutar contra os meios de comunicação que estimulavam o carnaval. Desta vez foi contra as rádios: “[...] o Carnaval dispersa actividades, desfibra e desonra os characteres. Não convém, pois, de todo em todo incitar o povo a folia e a farra desabrida...” (SEM MEDO, 1937, p. 6).

Todos os anos, no período que antecedia o carnaval, *O Diário* fazia uma espécie de “especial” sobre os valores morais, e publicava encíclicas papais que faziam referência às condutas, textos de Santo Tomás de Aquino sobre os vícios humanos e os sete pecados capitais, notícias de fatos ruins que aconteciam no período da festa, tais como homicídios, roubos, estupros e o uso de drogas, alertava os pais com discursos de medo sobre as coisas maléficas que o Carnaval poderia causar à mente dos filhos, e, perto da festa, quase diariamente havia artigos que tratavam diretamente da ocasião. Artigos como: – *Decadência extrema*<sup>23</sup>; *Carnaval e os... leprosos*<sup>24</sup>; *Ameaçando o bom senso e os bons costumes*<sup>25</sup>; *Os erros do*

<sup>23</sup> Este artigo é improprio para menores, para senhoritas e damas que não vao ao carnaval. E’ um caustico, de que só precisam os que tem a alma infeccionada, e que só pode ser conhecido de quem conhece os vicios. Os outros não o leiam. A cidade que ha dois mezes mergulhou na mais brutal imoralidade publica e ostensiva, começa hoje tríduo delirante da loucura e da impureza. Cousa desconhecida em nossas terras, o governo do município officializa e subvenciona a festa da immoralidade. (A DECADENCIA..., O Diário, 1936, p. 5).

<sup>24</sup> [...] E’ que eu sei também que após esses dias de “loucura colletiva” em que o vicio tripudia vrante, a voz paternal e severa da Igreja. Recedará ao homem que elle é pó e cinza e o convidará ás práticas das virtudes ao repudio dos pecados. (CARNAVAL E OS..., O Diário, 1936, p. 4).

<sup>25</sup> A preservação da família é objeto de vários dispositivos da Constituição do Estado Novo. E não é licito à administração, autorizar, encampar, compactuar com iniciativas dessa ordem, dissolvente, remota ou proximalmente, da moral, afim de que sob sua garantia as famílias entreguem suas filhas à voragem de tais ambientes de promiscuidade perniciosos e de costumes contrários à educação da família brasileira. (AMEAÇANDO..., O Diário, 1939, p. 3).

*mundo*<sup>26</sup>; *Carnaval de 1941*<sup>27</sup>; *Carnaval e guerra*<sup>28</sup>; *Dostoiensky e o Carnaval*<sup>29</sup> – demonstrava que todos os anos a mesma preocupação surgia, a comemoração da festa em que os vícios e as paixões são libertadas:

Os inimigos da ordem começam a desmoralizar. Extintas as forças moraes, tudo é possível. Um povo immoral é um povo sem resistências. Ora, só os cegos, voluntariamente cegos, não vêem que as grandes preocupações de hoje em dia é desmoralizar o povo. Sob os pretextos mais vão procura-se satisfazer as baixas tendências dos homens. [...] ninguém ignora que não há meio mais eficaz para lisongear as paixões mais animais do povo do que o Carnaval. Haverá ainda quem desconheça as devastações moraes do Carnaval? [...] (NEGROMONTE, O Diário, 1938, p. 5).

Com o passar dos anos, *O Diário* parecia entender que a popularização da festa era cada vez maior e financeiramente rentável para Belo Horizonte e para o resto do Brasil, principalmente o Rio de Janeiro (maior alvo das críticas do jornal sobre o Carnaval). Por mais que insistisse em discursos que denegrissem a festa e quem participava dela, a força do Estado dava suporte para que a festa acontecesse. Uma batalha que não seria vencida, visto que a cada ano o turismo nessa data crescia e, aos poucos, o Brasil ficava sendo conhecido como o “País do Carnaval”.

A partir de 1944 o discurso de *O Diário* se abrandava, de combativo passa a ser preventivo com anúncios que incitavam aos jovens a passar os dias do carnaval em retiro espiritual:

ai aprenderemos a entreter a nossa existência com as pétalas da humildade, dessa humildade cristã que é o único anteparo para os assaltos do demônio, do orgulho, da vaidade, da ambição. Dessa humanidade que é o oposto da

---

<sup>26</sup> [...] o terror, o ódio, formam a alucinante sinfonia da loucura guerreira, regida pela grande maestra, a morte, no Brasil e em outras partes, brincam-se o carnaval. A embriaguez dos sentidos que levam o homem à degradação dos vícios e da animalidade [...] uns rebolem-se na lama dos vícios e da intemperança. (OS ÉRROS..., O Diário, 1940, p. 4).

<sup>27</sup> O carnaval é uma sucessão de atentados á moral, á saúde, á economia há tudo quanto há de respeitável na vida. E a imprensa que deve formar e informar a opinião publica estaria na obrigação de velar pelo bem geral. (AFONSO, O Diário, 1941, p. 2).

<sup>28</sup> Contra os festejos carnavalescos e os festejos de ruínas e misérias físicas e morais, que os acompanham os homens de bem e a gente sensata apresentam argumentos irretorquíveis a as estatísticas se encarregam de amontoar fatos escabrosos. (CARNAVAL E GUERRA. O Diário, 1943, p. 2).

<sup>29</sup> Na confusão estonteante dos nossos dias, não há quem que esteja chamando a colaborar na reconstrução do mundo contra os males da festa pagã. [...]. (G.M.A, O Diário, 1944, p. 2).

hipertrofia do super-homem, erigido em postulas dos tempos modernos. (RETIROS..., O Diário, 1945, p. 2).

Num último suspiro, em 1942, *O Diário* publicou um artigo desanimador chamado *O Grito de Carnaval*, que tratava sobre sua luta contra a imoralidade trazida descaradamente e cinicamente pela festa que aos poucos passava a representar o país:

Não é com repugnância que nos referimos ao carnaval. É com uma espécie de cansaço invencível. O carnaval traz-nos lembranças qualquer coisa como a tuberculose ou a lepra. São males sociais. Não repugnantes, mas cansativos. O cansaço vem em sua inexorabilidade. Não se livra o mundo de tal ‘ceifadoras de vida’. Até a expressão ‘ceifadoras de vida’ cansa, pela sua repetição implacável como um lugar comum. (GRITO..., O Diário, 1942, p. 4).

O carnaval foi só um dos vários pontos em que a Igreja acreditou ser necessária ação para resguardar seus princípios morais. Também a perda do controle sobre costumes familiares e sociais, em decorrência do desenvolvimento urbano, constituiu certamente um dos aspectos mais sentidos pela instituição eclesiástica. Daí a explicação do esforço dos clérigos, no auge da restauração católica, em meados da década de 1930, no sentido de impedir que os fiéis de sua Igreja se contaminassem com as novas ideias e os novos valores, o que mais tarde viria a se confirmar.

O discurso moral da Igreja é caloroso, tradicionalista e inflexível, não permitindo outros tipos de condutas de comportamento ideais a não ser os católicos. “A Festa da Carne” foi um dos alvos a ser condenado pelo jornal, porém impunha-se sobre tudo, desde etiqueta<sup>30</sup>, a moda<sup>31</sup>, desde o que deve ou não ser visto<sup>32</sup>, a quais os tipos de lugares a serem frequentados<sup>33</sup>, os tipos de pessoas com que conviver, o que se deve ler<sup>34</sup>,

<sup>30</sup> “[...] Os pais devem dar exemplos a seus filhos dentro das moraes christãs, pois é sabido que as creanças aprendem mais depressa o mal do que o bem.” Trecho retirado do artigo *Eduque seu filho*. (MYRIAN. O Diário, 1935, p. 3).

<sup>31</sup> “Em todos os tempos se considerou falta de respeito, aos lugares sagrados, fazer uso do chapéu por parte dos homens. Entretanto, não sabemos por que motivo não é vedado, às senhoras, usar chapéu, que elas tomam a liberdade de introduzi-lo até a sagrada mesa de comunhão. Nunca podemos nos conformar com essa excentricidade, tanto quanto para as mulheres, o chapéu é um objeto de luxo, motivo de expansão à vaidade, perfeitamente dispensável, onde precisamente não deve haver lugar para luxos e vaidades [...]” (O USO DE CHAPÉU..., O Diário, 1938, p. 5).

<sup>32</sup> “As praias, os desportos, a imprensa, o rádio, o cinema, etc... desde que sejam apenas condenados formalmente, não deixarão de ser o que são, não deixarão de concorrer para o mal, uma vez que não recebem qualquer influxos do espírito do bem.” Trecho retirado do artigo *Nossa Senhora do Cinema* (GOMES, O Diário, 1938, p. 4).

<sup>33</sup> “[...] um espetáculo profano que depõe, horrivelmente, contra os costumes christãos é o chamado “baile infantil” [...] as crianças perdem desde logo a innocencia. Enquanto que muitas abandonam-se aos prazeres

escutar ou comer<sup>35</sup>, em quem se deve confiar e a quem se deve odiar, e quais inimigos deveriam ser combatidos<sup>36</sup>.

O que já se pode de início concluir sobre o trato da questão moral pelo *O Diário* é que seus textos eram direcionado ao público cristão, com conselhos e orientações moralizadoras diretas e argumentos que sublinham a doutrina religiosa católica. Quanto ao discurso, Ismério (2002) destaca a importância da construção, pelo jornal, de discursos político-religiosos com o intuito de revitalizar e reorientar a cristandade, o que para a Igreja, além de importante, era um objetivo, uma meta.

Silvana Goulart, quando trata de ideologia, propaganda e censura no Estado Novo, descreve os discursos escritos e divulgados através do *O Diário* como: “[...] uma competição ideológica desigual, pois a mídia atua em grande parte no sentido de influenciar direta ou indiretamente o público para a manutenção da estrutura socioeconômica e religiosa vigente” (1990, p. 8). Tomando como base esta pesquisa em torno do *O Diário*, entende-se que utilizando o argumento da preservação da moralidade, a Igreja conseguia passar seus ensinamentos e sua doutrina, mas não suficientemente para manter o espírito “nacionalista-católico” vivo.

O discurso da Igreja ao que se refere à questão moral durante o período do Estado Novo atua de forma evasiva, tratando dos valores éticos e morais sob uma didática agressiva e ameaçadora. Observar uma sociedade modernizando-se se tornou aterrador uma vez que toda uma doutrina moral construída poderia ser descartada e sua influência descentralizada. Por este motivo o jornal se torna essencial numa batalha em que o maior inimigo é o próprio espaço e tempo em que se vive. Os conceitos de segurança, educação, direção e informação da Igreja estão pautados em sua doutrina, não seria obstante que a própria instituição acreditasse que estes conceitos definiam de forma irrefutável seus significados, por isso o jornal se apresenta como a voz da Igreja, capaz de alcançar multidões e elevar seus conceitos à categoria absoluta de verdade. Oscar Mendes (1937), em artigo intitulado *Imprensa e Suicídio*, e publicado no *O Diário* em 1937, comunicava sobre suas impressões sobre o papel da imprensa:

Arma de dois gumes, pode a imprensa causar tanto bem quanto mal, tudo dependerá dos princípios que a regeram, ou

---

mais sensuais, mais insensatos, há, pois que ensinar seus filhos a estimar o carnaval, iniciando-os aos “bailes infantis””. (BICALHO, *O Diário*, 1935, p. 4).

<sup>34c</sup> Ao Ministério de Educação solicitamos a vários educadores providencias a respeito de certa literatura nociva à educação da juventude porque nociva à moral [...] proibir a venda das revistas e dos livros considerados imorales.” (NEGROMONTE, *O Diário*, 1942, p. 2).

<sup>35</sup> “[...] o homem em meio a estes gritos despedaçantes precisam de uma voz amiga a norteia-los a ideais mais puros. [...] E nestes dias de cynismo e decadência moral, jovens se perdem nas pequenas paixões [...] é que o homem só pensa no estômago e se deslembra de que possui alma.” (OLIVEIRA, *O Diário*, 1938, p. 3).

<sup>36</sup> “Há monstruosidades morais tão horripilantes nesse nosso mundo sub lunar, que o senso comum se recusa a admitir-lhes a existência. [...] um contemplar da moderna civilização dirá que certos casos são precisamente fruto dos males da civilização atual, visto como o nosso progresso moral não está em proporção do nosso progresso material.” (MONSTRO, *O Diário*, 1940, p. 4).

do conceito de vida que informar a sua direção. Se tiver sempre diante dos olhos a idéia de formação moral e de educação do povo, a sua maneira de agir será sempre pautada por princípios fecundos e diretrizes seguras. Se porém, o seu objetivo for o mero ganha-nickéis, o fazer-dinheiro, pouco lhe interessará o resultado de sua acção sobre as massas populares. (MENDES. O Diário, 1937, p. 4)

O discurso do jornal, assim como seu papel documental se consolida, por seu caráter narrativo, testemunha de uma temporalidade. De Luca (2005)<sup>37</sup> discorre sobre esse uso dos impressos como fonte de pesquisa, mas, para ela, essas “‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentados do presente, realizados sobre o influxo de interesses, compromissos e paixões”. (DE LUCA, 2005, p. 112).

Talvez a única relação que não se pode analisar utilizando o jornal como fonte de pesquisa seja a relação contrária, uma resposta da sociedade para o jornal. Uma vez que o reconhecimento efetivo da influência da imprensa sobre os leitores não se opõe à constatação de que grande parte de seus efeitos podem ser vagos ou solúveis, podendo produzir até respostas contrárias às desejadas pelo comunicador, “não há, portanto, relação direta e automática entre comunicação e efeito, sendo necessário considerar o processo atuante de interação social, em que o ato comunicativo não passa de mais um componente.” (GOULART, 1990, p. 11).

Contudo, analisando o discurso da Igreja sobre moral propagado pelo *O Diário*, o que se pode concluir é seu caráter doutrinador, sua defesa apaixonada de ideias e sua intervenção do espaço público. Silvana Goulart (1990) observa que periódicos como *O Diário* são responsáveis por desenvolver tratados, cotidianos ideológicos, encorajando “[...] padrões culturais existentes por intermédio de sua dramatização e repetição, garantindo-se que um conjunto básico de valores permaneça visível e seja fonte constante de consenso.” (p. 12).

O que coloca a imprensa como um dos principais meios para a divulgação das doutrinas morais da Igreja no século XX no Brasil. Criada com o intuito de expandir o discurso religioso para o maior número de pessoas possíveis (inclusive os não católicos). Essa imprensa, constituída de um corpo intelectual católico que trabalhava para desenvolver um material que representasse a voz do catolicismo dentro da sociedade, usando os instrumentos da modernidade para disseminar a visão de mundo da Igreja.

A imprensa católica se torna essencial para a restauração da Igreja na sociedade brasileira, republicana e moderna. A imprensa foi vista pela instituição como um

<sup>37</sup>Para De Luca, o advento da “Nova História” trouxe questionamentos e suspeitas sobre as novas fontes (jornal, cinema, fotografias, diários, etc.) já que o positivismo de ideias e, conseqüentemente, do “fazer história”, defendia que os historiadores deveriam ser livres de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo, devendo-se valer de fontes marcadas por objetividade e neutralidade, além de suficiente distância de seu próprio tempo. Por esse motivo, os jornais seriam completamente insuficientes para um levantamento histórico digno. “Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais e distorcidas.” (DE LUCA, 2005, p. 112).

instrumento poderoso que poderia ecoar a voz da Igreja, abarcando um maior número de leitores, que passariam a enxergar o mundo por uma perspectiva católica.

## 5. Considerações Finais

Em 1935, no início do *O Diário*, a sociedade brasileira passava por um frenesi de novas ideias modernizadoras e a Igreja, com uma moral ainda tridentina, que condenava as más condutas humanas através de punições além-túmulo, foi enfática em seu discurso: considerava esses avanços e os perigos advindos deles e do comunismo como uma *infecção*<sup>38</sup> da alma e dos valores tradicionais religiosos.

Durante a Idade Média, Santo Agostinho trouxe a ideia de infecção para a religião, trabalhando com o conceito de “contaminação da alma pelo vício” (LE GOFF, 1987, p. 276). O discurso moral da Igreja sempre defendeu que a Igreja (instituição saudável) poderia ser contaminada, infeccionada, por forças que contradiziam sua doutrina. No *O Diário* não foi diferente, uma vez que o jornal encarava os avanços da modernidade e as novas ideologias políticas como uma verdadeira infecção moral. O cinema, o jazz, o comunismo, o liberalismo, a moda, o carnaval (e sua oficialização e apoio por parte dos governos) e os cassinos – trazendo consigo todos os tipos de vícios e pecados –, visavam somente a corromper e adoecer a doutrina moral. No entanto, a Igreja não via a batalha como vencida, mas sim como o início da cura de uma infecção que, aos poucos, ia adentrando o seio religioso, corrompendo-o com seus falsos ideários e, por fim, extinguindo a essência virtuosa e ética da moral católica. Com um discurso caloroso, a Igreja defende a eliminação de qualquer contaminação que possa ferir seus princípios e são esses focos de infecção que tiveram a atenção primordial do *O Diário*, em seu discurso combativo, regulador e doutrinador.

O Carnaval é um exemplo sólido de como o interesse da Igreja conflitava com os interesses políticos do Estado que ao longo do século XX, popularizou-se ainda mais no Brasil e conheceu uma diversidade de formas de realização, tanto entre a classe dominante como entre as classes populares. O imaginário acerca do Brasil, assim de como a festa que aqui acontecia fez com que o Carnaval se tornasse um lucrativo negócio do ramo turístico e do entretenimento, estimulando grandes empresários a investir no evento. O embate entre moralidade defendido pela Igreja e a economia defendida pelo Estado fez com que a relação entre as duas instituições enfraquecesse, no entanto a Igreja não se deixou abater, expandindo seus horizontes, usufruindo, ironicamente, do mesmo processo modernizador que tanto repudiou. E é aproveitando esse panorama que a

<sup>38</sup>A etimologia da palavra “infecção” nos remete a “infecto”, do latim *infectio*, que significa impregnar, estragar, viciar, alterar, inficionar, corromper, perverter. (SARAIVA, 1993, p. 604). Inicialmente a palavra “infecção” era usada para denotar “contaminação” em geral, inclusive no campo das ideias. Com as descobertas de Louis Pasteur (BIRCH, 1990), ela passou a ser usada também para designar a invasão de uma parte do corpo por micro-organismos. A infecção é causada por agentes infecciosos, como os vírus, bactérias, etc. Pasteur fez importantes descobertas na área da prevenção de doenças e foi o primeiro a utilizar a palavra “infecção” para designar “contaminação” de um corpo saudável por um agente nocivo. (BIRCH, 1990, p. 10).

imprensa católica brasileira se consolidou como o novo e poderoso instrumento de proselitismo, mesmo lutando contra forças opostas frequentemente mais categóricas.

*O Diário*, então, em meio a esse contexto, desenvolve discursos amplos, com temáticas diversas que iam da economia à cultura, da política à sociedade. No entanto, no meio de tantas temáticas, a questão moral sempre se fez presente e pautou todo o discurso do jornal: existe uma ética cristã a ser seguida, seja no meio econômico, seja no político, seja no social. Deixa-se explícito um modo correto de se fazer e/ou agir em todos os âmbitos da sociedade, e é esse discurso que *O Diário* irá defender.

Decerto a moral está intrínseca em todos os meios sociais e a Igreja, como detentora de uma moralidade “exemplar”, deixa claro nas páginas do *O Diário* a forma “correta” de se viver e de se agir no meio social, explicitando e declarando o que julga ser o bem comum, aquilo, dentre as condutas, que é considerado por ela ideal.

A hipótese desta pesquisa foi confirmada: de fato, a imprensa católica utilizou-se de um discurso moralizador, catequizador e doutrinador para tentar reaver a sua posição guardiã moral na sociedade em transformação, enfrentando os inimigos da fé e combatendo os focos de infecção dentro de sua doutrina.

## Fontes

- A DECADÊNCIA extrema. *O Diário*. Vida Catholica. Belo Horizonte. 23 fev 1936, p.5.
- A NOVA Constituição do Brasil. *O Diário*. Belo Horizonte. 14 nov 1937, p. 2-4.
- AFONSO, Paulo. Carnaval de 1941. *O Diário*. Vida Catholica. Belo Horizonte. 12 fev 1941, p.2.
- AMEAÇANDO o bom senso e os bons costumes. O Carnaval se aproxima – uma decisão do dr. Dulcideo Gonçalves, 2º delegado auxiliar da Capital da República – com o juiz de menores – Medidas que se impõem. *O Diário*. Belo Horizonte. 9 fev 1939, p.3.
- ATAÍDE, Tristão. Psychologia do Carnaval. *O Diário*. Direção. Pe. Álvaro Negromonte. Vida Catholica. Belo Horizonte. 11 fev 1936, p.5.
- BICALHO, Pe. Bailes Infantis. *O Diário*. Belo Horizonte. 3 mar 1935, p.4.
- CABRAL. Dom. Semana da Imprensa. *O Horizonte*. Belo Horizonte. 06 nov 1932, p.2.
- CAMPOS, Padre Inácio. A semana social de O Diário. *O Diário*. Belo Horizonte. Ano 1, nº 79. 10 maio 1935, p.10.
- CARNAVAL E GUERRA. *O Diário*. Belo Horizonte. Fev 1943, p.2.
- CARNAVAL E OS... leprosos, *O Diário*. Belo Horizonte. 22 fev 1936, p.4.
- G.M.A. Dostoiewsky e o Carnaval. *O Diário*. Belo Horizonte. 19 fev 1944, p.2.
- GOMES, Antônio Osmar. A moral e o Direito. *O Diário*. Belo Horizonte. 28 mai 1938, p.4.
- GOMES, Antonio Osmar. "Nossa Senhora do Chapéu". *O Diário*. Belo Horizonte. 20 abr 1938, p.4.
- GRITO de Carnaval. *O Diário*. Belo Horizonte. 02 jan 1942.
- HOSPEDEIROS da imoralidade. *O Diário*, Belo Horizonte. 1935, p.3.

L.B. A Igreja e os Prazeres: a propósito do evangelho de Domingo. *O Diário*. Dir. Pe. Alvaro Negromonte. Vida Católica. Belo Horizonte. 18 jan 1935. p.5.

MENDES, Oscar. Imprensa e Suicídio. *O Diário*. Belo Horizonte. 1937.

MONSTRO. *O Diário*. Belo Horizonte. 10 nov 1940, p.4.

MORALIZAÇÃO só de um lado. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte. 07 fev 1936, p.4.

MYRIAN. Eduque seu Filho. *O Diário*. Belo Horizonte. 21 fev 1935, p.3.

NEGROMONTE, Alvaro. Desmoralizar. *O Diário*. Belo Horizonte. 13 jan 1938, p.5.

NEGROMONTE, Alvaro. Livros imorais. *O Diário*. Belo Horizonte. 20 fev 1942, p.2.

OLIVEIRA, Walter de. Alma e Estômago. ACÇÃO CATHÓLICA – *O Diário*. Dir. Flavio d'amato. Belo Horizonte. 16 jan 1938, p.3.

OS ÊRROS do mundo. *O Diário*. Belo Horizonte. 8 fev 1940, p.4.

RETIROS espirituais durante o carnaval. *O Diário*. Belo Horizonte. 2 fev 1945, p.2.

SEM MEDO, João. Broadcast – Carnaval e Rádio. *O Diário*. Belo Horizonte. 10 nov 1937, p.6.

UMA CONSULTA. *O Diário*. Belo Horizonte. 15 fev 1936, p.5.

VELANDO pela Formação Moral do Brasil. *O Diário*. Belo Horizonte. 1939, p.4.

## Bibliografia

ARISTÓTELES. *Arte poética: texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ARISTÓTELES. *Ética e Nicômaco*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BIRCH, Beverley. *Louis Pasteur*. São Paulo: Globo, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

COPPE CALDEIRA, Rodrigo. Bases temporais para o estudo histórico da Igreja católica do século XX. *Horizonte: revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.75-90, jun. 2007.

COSTA, José Raimundo Lisbôa da. "O Diário" (1935-1938) - *A ação da imprensa católica nas relações sociais. Um exercício de análise do discurso*. 1990. 1v. (várias paginações) Projeto de pesquisa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de História.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DOM LEME *apud* DEUS LO VUT. *Carta aos fiéis de Olinda e Recife - Dom Leme*. Recife, 2009. Disponível em: < <http://migre.me/iyxT7>>. Acesso em: 16 de maio 2013.

DOM LEME, Sebastião. *Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando a sua arquidiocese*. Petrópolis. 1916, p. 44-45.

- DRUMMOND, Albert. *A Infecção da Alma: um estudo sobre a imoralidade no período do Estado Novo*. 2014. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte.
- FERREIRA, Messias Augusto de Oliveira. *O Diário Católico: Moral e política na contestação do Estado Novo (1937 - 1945)*. 2008. Projeto de pesquisa. Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de História, Belo Horizonte.
- FOUCALT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Colégio de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 2004.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no estado novo*. São Paulo: Marco Zero. 1990.
- HEERS, Jacques. *Carnavales y Fiesta de Locos*. Barcelona: Fayard, 1988.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988.
- IGREJA CATÓLICA. (1922-1939: Pio XI). *Carta do S. Padre Pio XI ao Episcopado Brasileiro: Estatutos e regulamento*. Carta do Santo Padre Pio XI ao Cardeal D. Sebastião Leme e ao Episcopado Nacional sobre a Ação Católica Brasileira. 1988, p.7 – 31.
- ISMÉRIO, Clarisse. *A ação Católica no Brasil e a construção do Nacionalismo Cristão*. Ciências Sociais UNISINOS, São Leopoldo, v.38, nº 160, 2002.
- LE GOFF, Jacques. Pecado. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1987. v. 12
- LIBÂNIO, João Batista. *A volta à grande disciplina: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1943.
- LIMA, João Frazen *apud* MATOS, José Cristiano Henrique. *Caminhando pela História da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1996.
- LIMA, Maurílio César. *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola. 2004.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os Bispos do Brasil e a Imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.
- MONTE, Christian Dennys. *Geografia do turismo na Cultura Carnavalesca*. São Paulo: Paulistana. 2007.
- PIMENTEL, João. *Blocos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social e outros escritos*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- SANTO AGOSTINHO *apud* VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes: 1 moral fundamental*. 2.v. São Paulo: Santuário. 1983.
- SALÉM, Tânia. *Do Centro D. Vital à Universidade Católica*. Organização: Simon Schwartzman. Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, pp. 97-134. Disponível em: <<http://migre.me/iyxVK>> Acesso em: 17 de maio de 2013.

- SARAIVA, F. R. dos Santos. focus. In: SARAIVA, F. R. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 10. ed. Rio de Janeiro; Garnier, 1993.
- SEBE, José Carlos. *Carnaval, Carnavais.* São Paulo: Ática. 1986. p.96.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo. (1930 – 1964).* São Paulo: Paz e terra, 2003, p.17-72.
- TOMÁS de Aquino, Santo. *Sobre o Ensino (De Magistro), Os Sete Pecados Capitais.* Tradução e estudos introdutórios. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.63-133.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *A Igreja de Deus em Belo Horizonte.* Belo Horizonte: Éden. 1972.